

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**POEMAS ESCOLHIDOS**  
*Cláudio Manoel da Costa*

**SONETOS**

I

Para cantar de amor tenros cuidados,  
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento;  
Ouvi pois o meu fúnebre lamento;  
Se é, que de compaixão sois animados:

Já vós vistes, que aos ecos magoados  
Do trácio Orfeu parava o mesmo vento;  
Da lira de Anfião ao doce acento  
Se viram os rochedos abalados.

Bem sei, que de outros gênios o Destino,  
Para cingir de Apolo a verde rama,  
Lhes influiu na lira estro divino:

O canto, pois, que a minha voz derrama,  
Porque ao menos o entoa um peregrino,  
Se faz digno entre vós também de fama.

II

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado;  
Por que vejas uma hora despertado  
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado;  
Não vês ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias  
Nas porções do riquíssimo tesouro  
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro  
Enriquecendo o influxo em tuas veias,  
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

## III

Pastores, que levais ao monte o gado,  
Vede lá como andais por essa serra;  
Que para dar contágio a toda a terra,  
Basta ver-se o meu rosto magoado:

Eu ando (vós me vedes) tão pesado;  
E a pastora infiel, que me faz guerra,  
É a mesma, que em seu semblante encerra  
A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo,  
Vereis a formosura, que eu adoro;  
Mas não; tanto não sou vosso inimigo:

Deixai, não a vejais; eu vo-lo imploro;  
Que se seguir quiserdes, o que eu sigo,  
Chorareis, ó pastores, o que eu choro.

## IV

Sou pastor; não te nego; os meus montados  
São esses, que aí vês; vivo contente  
Ao trazer entre a relva florescente  
A doce companhia dos meus gados;

Ali me ouvem os troncos namorados,  
Em que se transformou a antiga gente;  
Qualquer deles o seu estrago sente;  
Como eu sinto também os meus cuidados.

Vós, ó troncos, (lhes digo) que algum dia  
Firmes vos contemplastes, e seguros  
Nos braços de uma bela companhia;

Consolai-vos comigo, ó troncos duros;  
Que eu alegre algum tempo assim me via;  
E hoje os tratos de Amor choro perjuros.

## V

Se sou pobre pastor, se não governo  
Reinos, nações, províncias, mundo, e gentes;  
Se em frio, calma, e chuvas inclementes  
Passo o verão, outono, estio, inverno;

Nem por isso trocara o abrigo terno  
Desta choça, em que vivo, coas enchentes  
Dessa grande fortuna: assaz presentes  
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,  
Ouvir dos lastimosos o gemido,  
Passar aflito o dia, o mês, e o ano;

Seja embora prazer; que a meu ouvido  
Soa melhor a voz do desengano,  
Que da torpe lisonja o infame ruído.

## VI

Brandas ribeiras, quanto estou contente  
De ver-nos outra vez, se isto é verdade!  
Quanto me alegra ouvir a suavidade,  
Com que Fílis entoa a voz cadente!

Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,  
Tudo me está causando novidade:  
Oh como é certo, que a cruel saudade  
Faz tudo, do que foi, mui diferente!

Recebei (eu vos peço) um desgraçado,  
Que andou té agora por incerto giro  
Correndo sempre atrás do seu cuidado:

Este pranto, estes ais, com que respiro,  
Podendo comover o vosso agrado,  
Façam digno de vós o meu suspiro.

## VII

Onde estou? Este sítio desconheço:  
Quem fez tão diferente aquele prado?

Tudo outra natureza tem tomado;  
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço  
De estar a ela um dia reclinado:  
Ali em vale um monte está mudado:  
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,  
Que faziam perpétua a primavera:  
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era:  
Mas que venho a estranhar, se estão presentes  
Meus males, com que tudo degenera!

### VIII

Este é o rio, a montanha é esta,  
Estes os troncos, estes os rochedos;  
São estes inda os mesmos arvoredos;  
Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,  
Rio, montanha, troncos, e penedos;  
Que de amor nos suavíssimos enredos  
Foi cena alegre, e urna é já funesta.

Oh quão lembrado estou de haver subido  
Aquele monte, e as vezes, que baixando  
Deixei do pranto o vale umedecido!

Tudo me está a memória retratando;  
Que da mesma saudade o infame ruído  
Vem as mortas espécies despertando.

### IX

Pouco importa, formosa Daliana,  
Que fugindo de ouvir-me, o fuso tomes;  
Se quanto mais me afliges, e consomes,  
Tanto te adoro mais, bela serrana.

Ou já fujas do abrigo da cabana,  
Ou sobre os altos montes mais te assomes,

Faremos imortais os nossos nomes,  
Eu por ser firme, tu por ser tirana.

Um obséquio, que foi de amor rendido,  
Bem pode ser, pastora, desprezado;  
Mas nunca se verá desvanecido:

Sim, que para lisonja do cuidado,  
Testemunhas serão de meu gemido  
Este monte, este vale, aquele prado.

X

Eu ponho esta sanfona, tu, Palemo,  
Porás a ovelha branca, e o cajado;  
E ambos ao som da flauta magoado  
Podemos competir de extremo a extremo.

Principia, pastor; que eu te não temo;  
Inda que sejas tão avantajado  
No cântico amebeu: para louvado  
Escolhamos embora o velho Alcemo.

Que esperas? Toma a flauta, principia;  
Eu quero acompanhar-te; os horizontes  
Já se encham de prazer, e de alegria:

Parece, que estes prados, e estas fontes  
Já sabem, que é o assunto da porfia  
Nise, a melhor pastora destes montes.

XI

Formosa é Daliana; o seu cabelo,  
A testa, a sobrancelha é peregrina;  
Mas nada tem, que ver coa bela Eulina,  
Que é todo o meu amor, o meu desvelo:

Parece escura a neve em paralelo  
Da sua branca face; onde a bonina  
As cores misturou na cor mais fina,  
Que faz sobressair seu rosto belo.

Tanto os seus lindos olhos enamoram,  
Que arrebatados, como em doce encanto,  
Os que a chegam a ver, todos a adoram.

Se alguém disser, que a engrandeço tanto  
Veja, para desculpa dos que choram  
Veja a Eulina; e então suspenda o pranto.

## XII

Fatigado da calma se acolhia  
Junto o rebanho à sombra dos salgueiros;  
E o sol, queimando os ásperos oiteiros,  
Com violência maior no campo ardia.

Sufocava-se o vento, que gemia  
Entre o verde matiz dos soveiros;  
E tanto ao gado, como aos pegureiros  
Desmaiava o calor do intenso dia.

Nesta ardente estação, de fino amante  
Dando mostras Daliso, atravessava  
O campo todo em busca de Violante.

Seu descuido em seu fogo desculpava;  
Que mal feria o sol tão penetrante,  
Onde maior incêndio a alma abrasava.

## XIII

Nise? Nise? onde estás? Aonde espera  
Achar-te uma alma, que por ti suspira,  
Se quanto a vista se dilata, e gira,  
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah se ao menos teu nome ouvir pudera  
Entre esta aura suave, que respira!  
Nise, cuidado, que diz; mas é mentira.  
Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,  
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde,  
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!  
Ah como é certa a minha desventura!  
Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?

## XIV

Quem deixa o trato pastoril amado  
Pela ingrata, civil correspondência,  
Ou desconhece o rosto da violência,  
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos transladado  
No gênio do pastor, o da inocência!  
E que mal é no trato, e na aparência  
Ver sempre o cortesão dissimulado!

Ali respira amor sinceridade;  
Aqui sempre a traição seu rosto encobre;  
Um só trata a mentira, outro a verdade.

Ali não há fortuna, que soçobre;  
Aqui quanto se observa, é variedade:  
Oh ventura do rico! Oh bem do pobre!

## XV

Formoso, e manso gado, que pascendo  
A relva andais por entre o verde prado,  
Venturoso rebanho, feliz gado,  
Que à bela Antandra estais obedecendo;

Já de Corino os ecos percebendo  
A frente levantai, ouvis parado;  
Ou já de Alcino ao canto levantado,  
Pouco e pouco vos ides recolhendo;

Eu, o mísero Alfeu, que em meu destino  
Lamento as sem-razões da desventura,  
A seguir-vos também hoje me inclino:

Medi meu rosto: ouvi minha ternura;  
Porque o aspecto, e voz de um peregrino  
Sempre faz novidade na espessura.

## XVI

Toda a mortal fadiga adormecia  
No silêncio, que a noite convidava;  
Nada o sono suavíssimo alterava  
Na muda confusão da sombra fria:

Só Fido, que de amor por Lise ardia,  
No sossego maior não repousava;  
Sentindo o mal, com lágrimas culpava  
A sorte; porque dela se partia.

Vê Fido, que o seu bem lhe nega a sorte;  
Querer enternecê-la é inútil arte;  
Fazer o que ela quer, é rigor forte:

Mas de modo entre as penas se reparte;  
Que à Lise rende a alma, a vida à morte:  
Por que uma parte alente a outra parte.

## XVII

Deixa, que por um pouco aquele monte  
Escute a glória, que a meu peito assiste:  
Porque nem sempre lastimoso, e triste  
Hei de chorar à margem desta fonte.



Agora, que nem sombra há no horizonte,  
Nem o álamo ao zéfiro resiste,  
Aquele hora ditosa, em que me viste  
Na posse de meu bem, deixa, que conte.

Mas que modo, que acento, que harmonia  
Bastante pode ser, gentil pastora,  
Para explicar afetos de alegria!

Que hei de dizer, se esta alma, que te adora,  
Só costumada às vozes da agonia,  
A frase do prazer ainda ignora!

### XVIII

Aquela cinta azul, que o céu estende  
À nossa mão esquerda, aquele grito,  
Com que está toda a noite o corvo aflito  
Dizendo um não sei quê, que não se entende;

Levantar-me de um sonho, quando atende  
O meu ouvido um mísero conflito,  
A tempo, que o voraz lobo maldito  
A minha ovelha mais mimosa ofende;

Encontrar a dormir tão preguiçoso  
Melampo, o meu fiel, que na manada  
Sempre desperto está, sempre ansioso;

Ah! queira Deus, que minta a sorte irada:  
Mas de tão triste agouro cuidadoso  
Só me lembro de Nise, e de mais nada.

### XIX

Corino, vai buscar aquela ovelha,  
Que grita lá no campo, e dormiu fora;  
Anda; acorda, pastor; que sai a Aurora:  
Como vem tão risonha, e tão vermelha!

Já perdi noutra tempo uma parelha  
Por teu respeito; queira Deus, que agora  
Não se me vá também estoura embora;  
Pois não queres ouvir, quem te aconselha.

Que sono será este tão pesado!  
Nada responde, nada diz Corino:  
Ora em que mãos está meu pobre gado!

Mas ai de mim! que cego desatino.  
Como te hei de acusar de descuidado,  
Se toda a culpa tua é meu destino!

## XX

Ai de mim! como estou tão descuidado!  
Como do meu rebanho assim me esqueço,  
Que vendo-o trasmalhar no mato espesso,  
Em lugar de o tornar, fico pasmado!

Ouçõ o rumor que faz desaforado  
O lobo nos redis; ouçõ o sucesso  
Da ovelha, do pastor; e desconheço  
Não menos, do que ao dono, o mesmo gado:

Da fonte dos meus olhos nunca enxuta  
A corrente fatal, fico indeciso,  
Ao ver, quanto em meu dano se executa.

Um pouco apenas meu pesar suavizo,  
Quando nas serras o meu mal se escuta;  
Que triste alívio! ah infeliz Daliso!

## XXI

De um ramo desta faia pendurado  
Veja o instrumento estar do pastor Fido;  
Daquele, que entre os mais era aplaudido,  
Se alguma vez nas selvas escutado.

Ser-lhe-á eternamente consagrado  
Um ai saudoso, um fúnebre gemido;  
Enquanto for no monte repetido  
O seu nome, o seu canto levantado.

Se chegas a este sítio, e te persuade  
A algum pesar a sua desventura,  
Corresponde em afetos de piedade;

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

